

É urgente o intercâmbio universidades-indústria

FALCÃO MACHADO

UM olhar sobre a realidade portuguesa mostra um divórcio grande entre o que se ensina nas nossas universidades e o que existe em termos de estruturas da sociedade. Os alunos chegam ao fim do curso com grandes conhecimentos teóricos, mas um desconhecimento profundo da realidade das nossas fábricas e empresas, onde a *Terceira Vaga* não é mais do que uma vaga expressão.

Em Portugal, hoje, impõe-se a necessidade de cooperação entre a Universidade e a Indústria, para que o ensino, em especial o universitário, deixe de estar divorciado da realidade do País.

Necessidade que é defendida, entre outros, pelo Prof. Albino Reis, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e director do Centro de Transmissão de Calor do Departamento de Engenharia Mecânica deste estabelecimento de ensino.

«A Universidade deve cooperar com a Indústria com base na realidade nacional» - diz-nos este professor universitário, com quem dialogámos a propósito.

«Esta realidade implica a necessidade patriótica de nós, professores, termos uma consciência do país que somos, quanto às necessidades científicas e não nos limitarmos a uma importação de 'modas' e terminologia demasiadamente sofisticadas para a simplicidade das estruturas industriais locais» - explica.

Uma questão tanto mais peritante quanto existe actualmente a tendência para encaminhar o estudo da Engenharia, por exemplo, para a investigação de ponta, em detrimento da engenharia convencional que é que se encontra nas fábricas portuguesas.

«Tudo isto acontece, por influência do estrangeiro e não tem havido um período de reflexão, sobre as realidades do País, o que leva ao desenvolvimento de uma classe de gestores de

tecnologia, que está muito distante da realidade» - salienta.

Vontade para esta colaboração entre as instituições existe e Albino Reis também comenta:

«O que está a acontecer é a criação de superestruturas, como a Associação de Universidades do Norte, do Centro, cujo objectivo é promover esta ligação institucional. Na realidade, são superestruturas que não funcionam. A alternativa é deixar essa ligação à iniciativa individual de um especialista da Universidade ou à própria Indústria» - acrescenta.

Põe-se, pois, a existência de um líder responsável pelos projectos, com o intuito de promover a convergência de interesses entre a Universidade e a Indústria, em que todo o trabalho de investigação é dirigido para a resolução dos problemas postos pelas empresas.

Necessária a mudança

As superestruturas de ligação entre a Universidade e a Indústria não funcionam principalmente por falta de pessoas.

«Aqui, o que sucede é que os assistentes de carreira estão imbuídos nos seus próprios trabalhos para provas académicas. A solução passa pela possibilidade de, com as verbas de um projecto universitário/industrial, se contratarem investigadores ou técnicos apenas para um determinado período de tempo» - diz.

«Por outro lado - continua Albino Reis - no fim deste período, tal investigador poderia apresentar o seu trabalho para provas académicas».

Uma solução que implica a flexibilidade das estruturas universitárias, que permitiria a transferência do conhecimento tecnológico da Universidade para a empresa e que, embora comece a ter aceitação pelas novas gerações, ainda depende da desburocratização da própria instituição universitária.

Albino Reis aponta, ainda, um dos grandes impedimentos para esta mudança:

«Existe ainda no nosso País a vergonha de se encarar a Uni-

versidade como uma actividade lucrativa. A resistência à mudança é muito grande e começa no interior da própria Universidade, considerada como uma instituição multissecular. É necessária a mudança. Não só no aspecto financeiro, como no da atitude, uma vez que há inibição da Universidade em se meter em certos domínios» - sublinha, acrescentando:

«Vencer o que inibe a nós, portugueses, que somos levados

a ver só os pontos negativos, quando estamos no nosso País, enquanto que no estrangeiro também se vêem os nossos pontos positivos».

Albino Reis faz ainda de soluções para uma perspectiva real da Indústria portuguesa e para o seu desenvolvimento:

«Em termos de política geral há que incentivar a criatividade nacional e o incremento empresarial e pôr estas duas capacidades em interacção».

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

empresas - rel. c/ universidades

